

SIMPÓSIO*

AS DIFERENTES ESFERAS SÓCIO-DISCURSIVAS COMO CRITÉRIO PARA A ELABORAÇÃO DE CURRÍCULOS

Rosângela Hammes RODRIGUES¹ (DLLV/UFSC - LAEL/PUC/SP)

ABSTRACT: The purpose of this work is to discuss a topic concerning to the different social circles of discursive activity as a possible criterion in view of elaboration and settlement of curricular progression of the Portuguese language contents, to be set up from discursive genders.

0. Introdução

Este trabalho tem por objetivo tematizar a questão das diferentes esferas sócio-discursivas - esferas da ideologia do cotidiano, esferas das ideologias especializadas - como possibilidade de critério (um deles) para a elaboração de currículo e progressão curricular para o ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa, formulado a partir dos gêneros discursivos.

A questão se coloca tomando-se como embasamento teórico as formulações que Bakhtin faz a respeito da constituição e do funcionamento dos gêneros. Para o autor, é na comunicação verbal das diferentes esferas sociais que se constituem os gêneros do discurso. Assim, as diferentes esferas sócio-discursivas elaboram/comportam repertórios de gêneros que lhes são próprios. Formados historicamente, os gêneros são marcados pelas especificidades de suas esferas sociais específicas. O domínio das práticas discursivas passa pelo domínio dos gêneros dessas esferas sociais.

1. As diferentes esferas sociais e a constituição e o funcionamento dos gêneros

Para Bakhtin, a interação verbal se dá por meio de gêneros discursivos que, enquanto formas relativamente estáveis e normativas da construção dos enunciados, organizam o discurso. Para compreender tanto a construção do enunciado, que é único, individual e irrepetível, quanto a constituição dos gêneros, é preciso considerar a natureza social da linguagem, questão fundamental da teoria bakhtiniana.

Em *¿Que és lenguaje?* (1993) e *La construcción de la enunciación* (1993), o autor discute a natureza social da linguagem e o vínculo entre o intercâmbio comunicativo social e a interação verbal. Traçando historicamente a origem e o desenvolvimento da linguagem ligados à organização laboral e à luta de classes, ela se constitui como "produto da atividade humana coletiva, e reflete em todos os seus elementos tanto a organização econômica como a sócio-política da sociedade que a gerou" (Bakhtin, 1993, p.227). Por sua vez, a linguagem, enquanto criação, representação da vida social, exerce enorme influência sobre o desenvolvimento da vida econômica e sócio-política.

Um esquema do processo de desenvolvimento da linguagem e das mudanças das formas da linguagem pode, para o autor, ser assim representado:

1. Organização econômica/agrícola da sociedade.²
2. Intercâmbio comunicativo social.
3. Interação verbal.

* Simpósio "Gêneros do Discurso como Base de uma Progressão Curricular no Ensino Fundamental".

¹ Agradeço a CAPES/PICDT o apoio financeiro para a realização do Doutorado.

² O estudo das formas e dos tipos da vida econômica da sociedade são, segundo Bakhtin, objeto de estudo das ciências sociais.

4. Enunciações.

5. Formas gramaticais da língua. (1993, p. 247)

Assim, há uma vínculo entre a construção do enunciado, produto da interação verbal entre locutores, e a situação social, que corresponde a um tipo específico de intercâmbio comunicativo social: religioso, artístico, escolar, científico, da vida cotidiana etc. Originados nas diferentes esferas da práxis humana, os enunciados refletem as condições específicas de sua constituição pelo seu conteúdo temático (“objetos” que passam pelo processo de valoração de uma determinada esfera em determinado tempo e contexto), seu estilo (recursos léxicos, fraseológicos e gramaticais) e sua composição (formas de composição e acabamento dos enunciados). Aos diferentes tipos de intercâmbio social correspondem diferentes tipos de enunciados, que, estabilizados historicamente, constituem formas “relativamente estáveis”: os gêneros discursivos.

No texto *El problema de los géneros discursivos* (1985), Bakhtin trata especificamente da questão da constituição e do funcionamento dos gêneros. Uma função determinada (cotidiana, científica, artística, periodística, religiosa etc.) e condições determinadas, específicas para cada esfera da comunicação discursiva, geram os diferentes tipos de gêneros. A diversidade de esferas da práxis humana e o fato de que cada esfera comporta muitos tipos leva à constatação de uma grande variedade de gêneros, heterogêneos entre si.

Essa constatação faz com que o autor reconheça a dificuldade tanto de se trabalhar com o traço comum dos enunciados, a sua natureza verbal (lingüística), quanto a de se trabalhar com as particularidades dos inúmeros tipos de gêneros. Para ele, uma primeira distinção importante a se fazer é entre gêneros primários e secundários, que não é de ordem funcional, mas histórica. Os gêneros secundários surgem nas condições da comunicação cultural mais complexa, e em seu processo de desenvolvimento absorvem e transformam, bem como representam em seu interior diversos gêneros primários. É a situação, por exemplo, dos gêneros literários, que incorporam diversos de caráter primário. Estes, quando se tomam elementos de um gênero literário específico transformam-se dentro dele, mantendo sua forma e importância enquanto acontecimento artístico e não como acontecimento, intercâmbio comunicativo social específico da esfera da vida cotidiana. Há uma relação de influência entre os gêneros primários e os secundários: os secundários se originam a partir dos primários, incorporam-nos no seu interior, mas conservam com eles uma constante relação, estabelecendo uma influência muito forte sobre o próprio funcionamento dos gêneros primários.

Embora o autor não explicita, pode-se encarar essa diferenciação entre gêneros primários e secundários ligada à questão da relação entre linguagem e ideologia. Há uma relação estreita e recíproca entre ideologia e linguagem, pois é com a ajuda da linguagem que se formam os sistemas ideológicos; “o domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo que é ideológico possui um valor semiótico.” (1988, p.32).

Os sistemas ideológicos (a ciência, a arte, a imprensa...), como “produto” do desenvolvimento econômico e social, surgem e se cristalizam gradualmente a partir da ideologia do cotidiano e, uma vez estabilizados, exercem, como retorno, uma influência muito forte sobre ela: dão o tom a essa ideologia. Em contrapartida, os produtos ideológicos dos

sistemas especializados necessitam, para sua existência, da relação constitutiva com a ideologia do cotidiano.

“(...) esses produtos constituídos conservam um elo orgânico vivo com a ideologia do cotidiano; alimentam-se de sua seiva, pois, fora dela, morrem, assim como morrem, por exemplo, a obra literária acabada ou a idéia cognitiva se não submetidas a uma avaliação crítica viva. Ora, essa avaliação crítica, que é a única razão de ser de toda produção ideológica, opera-se na língua da ideologia do cotidiano.” (Bakhtin, 1988, p.119)

A ideologia do cotidiano engloba as comunicações ideológicas que não podem ser vinculadas a uma esfera ideológica particular, são os intercâmbios comunicativos verbais da vida rotineira, com suas formas genéricas, os gêneros primários. As ideologias especializadas e formalizadas (sistemas ideológicos) estão vinculadas às diversas esferas ideológicas estabelecidas, e, como tal, relacionadas a formas genéricas específicas, os gêneros secundários.³

Para o autor, na pesquisa acerca da constituição dos enunciados e seus tipos (gêneros) o que é necessário é tanto a observação da natureza verbal (lingüística) comum dos enunciados quanto um estudo histórico da formação dos gêneros segundo as diferentes esferas da práxis, pois cada esfera possui e reconhece seus próprios gêneros, que são marcados pelas especificidades de suas esferas, e que se manifestam no gênero não apenas em nível lexical, mas também em nível gramatical. As investigações nesse sentido são importantes para todas as áreas científicas que trabalham com a linguagem, pois qualquer investigação passa pela questão dos enunciados e seus tipos, relacionados com as diferentes esfera sociais. Coloca-se, então, a importância dessa investigação também tanto para a elaboração quanto para a progressão de currículos de ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa.

“O menosprezo da natureza do enunciado e a indiferença frente aos detalhes dos aspectos genéricos do discurso levam, em qualquer esfera da investigação lingüística, ao formalismo e a uma abstração excessiva, desvirtuam o caráter histórico da investigação, debilitam o vínculo da linguagem com a vida. Porque a linguagem participa na vida através dos enunciados concretos que a realizam, assim como a vida participa da linguagem através dos enunciados.” (Bakhtin, 1985, p.251)

2. Esferas sócio-discursivas, gêneros e ensino

Nas décadas de 80 e 90, o ensino de língua portuguesa tal como vinha acontecendo tem sido posto em discussão. Os resultados das pesquisas e discussões têm apontado como causas do fracasso escolar um sistema de ensino/aprendizagem voltado para a questão da metalinguagem, ou então para os aspectos formais da leitura e da escritura, de tal forma que, como já observara Vygostky (1994, p.139), “ensina-se as crianças a desenhar letras e construir palavras com elas, mas não se ensina a linguagem escrita. Enfatiza-se de tal forma a mecânica de ler o que está escrito que acaba-se obscurecendo a linguagem escrita como tal.”

³ A relação entre gêneros primários e secundários e ideologia do cotidiano e ideologia especializada pode evitar a interpretação equivocada, ou um susto momentâneo, de um trecho do texto *El problema de los géneros discursivos*: “A diferença entre os gêneros primários e os secundários (**ideológicos**) é extremamente grande e de fundo...” (1985, p.250) (grifo meu). A oposição não se encontra na presunção do caráter ideológico de um e não ideológico de outro, mas no fato de que os gêneros secundários se desenvolvem no campo das ideologias especializadas.

A partir desse quadro tem-se buscado novas concepções de abordagem da língua portuguesa na prática escolar, que apontam para um estudo mais funcional, centrado no estudo do texto, nos processos de leitura e escritura e em uma nova metodologia do ensino da língua voltado para o trabalho da análise lingüística. A nova orientação se consolidou nos Parâmetros Curriculares Nacionais, nas Propostas Curriculares Estaduais, nos planejamentos escolares.

Nesse contexto, a noção do gênero discursivo tem tomado corpo. É o que se pode observar nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa do ensino Fundamental (versão agosto de 1996), na Proposta Curricular de Santa Catarina (versão preliminar de 1997). Ambas as propostas apresentam uma abordagem bakhtiniana da noção de gênero.

Retomando, então, as concepções teóricas de Bakhtin a respeito dos gêneros, “nos expressamos unicamente mediante gêneros discursivos, quer dizer, todos os nossos enunciados possuem formas típicas para a estruturação da totalidade” (Bakhtin, 1985, p.267). Os gêneros, enquanto formas relativamente estáveis e normativas de construção dos enunciados, organizam o discurso, quase do mesmo modo que as formas gramaticais. Diferem, no entanto, das formas lingüísticas tanto no sentido de sua estabilidade quanto de obrigatoriedade: as formas genéricas são mais ágeis, flexíveis e livres se comparadas com as da língua.

Se as pessoas interagem discursivamente por meio dos gêneros, o fato de saber expressar-se em diferentes situações está ligado à questão do domínio dos gêneros das diferentes esferas sócio-discursivas. Com efeito, é comum que pessoas, mesmo tendo um bom domínio lingüístico-discursivo em determinadas situações, não consigam se expressar de maneira eficaz em outro contexto. Trata-se, para Bakhtin, de uma inabilidade de dominar os gêneros específicos daquela esfera. Cita, como exemplo, o fato de um indivíduo que, mesmo dominando muito bem o discurso e os gêneros de diferentes esferas das ideologias especializadas, como a da ciência, pode apresentar constrangimento em uma conversa de salão, que não está ligado a problemas de vocabulário, de estilo abstrato, mas à inabilidade de dominar os gêneros da conversa cotidiana.

Essas considerações justificam a proposição de um currículo de Língua Portuguesa centrado nos gêneros discursivos tendo como um dos critérios de sua elaboração e progressão a questão dos gêneros das diferentes esferas sócio-discursivas. Fechando mais especificamente a abordagem em torno da produção textual, pode-se dizer que quando o sujeito constrói seu discurso, é preciso que lhe anteceda a totalidade do enunciado, tanto em forma de uma intenção discursiva individual, quanto em forma de um esquema genérico (Bakhtin, 1985). Ou seja, é preciso que se vislumbre a imagem do todo do enunciado, que se configura diferentemente: diálogo, relato, carta, ordem militar, artigo, romance, novela, resenha etc. A compreensão e o domínio das características específicas dos diferentes gêneros é fundamental para o bom desempenho discursivo. Entre outras peculiaridades, tem-se o esgotamento do objeto de sentido (o tema), o estilo genérico, as relações dialógicas, o momento expressivo do enunciado, que vão tomar diferentes formas nas diferentes esferas sócio-discursivas.

a) Tema

Empiricamente, o objeto do discurso é inesgotável, mas, quando se toma tema de um determinado enunciado, ele adquire caráter relativamente concluído em determinadas

condições, determinados enfoques do fato. A possibilidade de “esgotamento” do sentido do objeto do enunciado é muito diferente nas diversas esferas da comunicação discursiva. Ele pode ser mais completo em algumas esferas cotidianas e oficiais (ordem militar, por exemplo). Já em outras, como a científica, há um mínimo de conclusividade do tema, que apenas permite dar ao enunciado um caráter conclusivo (*dixis* conclusivo do autor), capaz de possibilitar uma postura de resposta do interlocutor.

Na prática escolar, é preciso que o aluno inicialmente conheça o tema em discussão. A fragmentariedade dos textos produzidos indica a não entrada do aluno nos diferentes discursos sobre o objeto de sentido, mas também aponta para o desconhecimento das peculiaridades da relação entre tema, gênero e esfera discursiva.

b) Estilo genérico

Há uma relação inextricável entre estilo e gênero. O estilo funciona como elemento constitutivo do gênero. Os estilos de língua, na verdade, são estilos de gêneros de determinadas esferas. As mudanças históricas na língua estão ligadas às mudanças históricas dos gêneros. Para Bakhtin (1985), nenhum fenômeno novo entra na língua sem que tenha passado antes pela esfera de elaboração genérica. De fato, a gramática e a estilística constituem duas facetas de um mesmo fenômeno lingüístico concreto: se se analisa no sistema da língua, tem-se um fenômeno gramatical; se se analisa da perspectiva da totalidade do enunciado, é um fenômeno de estilo genérico.

O enunciado pode refletir a individualidade do sujeito, ou seja, o enunciado pode ter um estilo individual. Mas a suscetibilidade dos gêneros em incorporar um estilo particular é variável. Os gêneros que mais se abrem a essa absorção são os da esfera da criação literária; a incorporação de um estilo individual faz parte dos propósitos do próprio enunciado. Os gêneros menos favoráveis são aqueles que requerem formas padronizadas, como nas esferas oficiais, militares, em alguns gêneros da vida cotidiana (os gêneros de felicitação, de despedidas...).

O estilo está vinculado com a unidade temática, com a unidade composicional do gênero (com os tipos de estruturação da totalidade, de conclusão) e com os tipos de relações entre os interlocutores, vinculações que determinarão as diferentes opções lingüísticas, que darão a coloração genérica do enunciado. As opções gramaticais se configurarão especificamente nos diferentes gêneros: uso mais ou menos normativo dos sinais de pontuação, questões sintáticas, lexicais, por exemplo. O bom desempenho na produção textual passa pela percepção e domínio das estratégias, regularidades de funcionamento estilístico-gramatical dos gêneros das diferentes esferas.

Os diferentes gêneros se constituem como lugar para uma metodologia de ensino/aprendizagem produtiva do funcionamento da língua. Em *Interações no processo de alfabetização*, Rojo (1996) defende essa concepção quando considera que “na prática social dos gêneros em leitura e produção, estes se constituem como grandes instrumentos para a construção de aspectos formais e estruturais próprios do discurso escrito (grafia; ortografia; vocabulário; sintaxe; tipos de texto).”

Nessa mesma linha de reflexão caminha a *Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina* (*op. cit.*, p.48), que propõe que a abordagem dos vários aspectos (conteúdos) da gramática se dê a partir da análise lingüística do seu funcionamento nos diferentes textos

(gêneros). Através de comparações, o aluno será levado a elaborar “gramáticas parciais”, ou “microgramáticas”, de certos fenômenos lingüísticos. “Em vez de começar ‘aprendendo’ regras, depois procurando exemplos e realizando exercícios de ‘fixação’, ele [o aluno] iniciará a tarefa pela outra ponta: observando o funcionamento de certos elementos, hipotetizando regularidades e testando-as.”

É o caminho que Bakhtin, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1988, p.124), já indicava como uma “ordem metodológica” para o estudo da língua:

“... a ordem metodológica para o estudo da língua deve ser a seguinte:

- 1 - As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as situações concretas em que se realiza.
- 2 - As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
- 3 - A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação habitual.”

c) Relações dialógicas

A dialogia é a condição de existência do enunciado. Como um elo na comunicação discursiva, ele se constitui sob a égide da heterogeneidade. É o seu fundamento constituir-se como reação, resposta (determinada posição discursiva) a outros enunciados e a capacidade de ser destinado, isto é, de intencionar a reação ativa do outro. Todo enunciado apresenta matizes dialógicos, por mais monológico que ele se apresente. Na sua totalidade, dentro de suas fronteiras, “(...) o enunciado, semelhantemente à mônada de Leibniz, reflete o processo discursivo, os enunciados alheios (...) (Bakhtin, 1985, p.284).

O enunciado também leva em conta os elos posteriores da comunicação discursiva, isto é, as possíveis reações de resposta do outro. Tanto as formas de reação-resposta do autor quanto os tipos e concepções de destinatário⁴ se determinam pela esfera da práxis. A composição, o estilo e mesmo o gênero do enunciado dependem também do interlocutor, como o autor constrói a imagem do outro e a sua própria imagem a partir do outro. Aqui também têm papel relevante as diferentes relações sociais com todas as suas hierarquias.

As reações à palavra do outro se refletem diferentemente no enunciado, desde as formas mais marcadas, até as menos marcadas, que vão se manifestar nos matizes de sentido, na expressividade, nos detalhes mais finos da composição do enunciado.

Essas especificidades da construção dos enunciados se marcam na configuração do gênero. Os gêneros das diversas esferas refletem, no seu todo, diferentemente os matizes dialógicos. Há aqueles centrados mais no princípio monológico de construção do discurso, os gêneros da esfera científica, por exemplo, bem como aqueles mais centrados no princípio polifônico de construção do discurso.

O caráter dirigido do enunciado, isto é, o de ser destinado, não é indiferente à constituição do gênero e à própria escolha do gêneros nas situações discursivas. Gêneros como simpósio, palestra, tese, artigo, resenha, sermão, parábola, encíclica refletem imagens de diferentes interlocutores, de diferentes esferas sócio-discursivas. “Todo gênero em cada

⁴ O termo destinatário não está sendo tomado tal como proposto nos esquemas de comunicação da Lingüística, mas como o interlocutor da interação verbal, que tem papel ativo na constituição do próprio enunciado.

esfera da comunicação discursiva possui sua própria concepção de destinatário, o qual o determina como tal.” (Bakhtin, 1985, p.285).

Na esfera escolar, o ensino da produção textual, muitas vezes ainda centrado em uma tipologia textual formal (narração, descrição, dissertação)⁵, aponta para a falta de uma prática de aprendizagem centrada nos processos discursivos. Dispondo apenas de elementos formais, os alunos ressentem-se dos aspectos discursivos: a situação da enunciação com as implicações discursivas daí decorrentes. A especificidade de uma dada esfera, o tema, a posição discursiva do autor, os interlocutores orientam para determinado gênero, que molda, regula, torna possível o discurso. Na ausência desses elementos, o que se tem são textos que carecem de feições genéricas, de autoria.

Como observa Furlanetto (1995), “se o processo em si da composição textual é complexo, a metodologia de ensino carece de constante aprimoramento. É inevitável passar pelo caminho da articulação entre o texto a construir e o mundo discursivo onde o sujeito se insere, apontando para a necessidade de trabalhar os gêneros discursivos dentro do contexto amplo das práticas sociais.”

Se o gênero é a unidade pertinente para uma proposta curricular de Língua Portuguesa, fica a questão de como articular um programa de ensino centrado nos gêneros do discurso. A primeira aposta que tem sido feita é a de se contemplar a variedade de gêneros nas atividades de leitura e escritura. Nessa concepção, há a idéia de que os gêneros possuem formas de constituição e funcionamento diversificados.

A heterogeneidade dos gêneros (diferentes gêneros), para Bakhtin, dá-se como reflexo dos diferentes intercâmbios comunicativo sociais. Cada esfera tem seu repertório de gêneros, que têm características específicas dessa esfera. Lembrando ainda mais uma vez o que coloca o autor, o domínio dos gêneros de uma determinada esfera não é garantia de sucesso em outros contexto discursivos.

A construção de currículo e progressão curricular tomando como critério as diferentes esferas sociais, primeiramente, contempla a desejada variedade de gêneros no ambiente escolar, a possibilidade de se trabalhar com os diferentes aspectos notacionais e discursivos da produção textual, a reflexão sobre a relação linguagem x sociedade, sobre o funcionamento da língua, entre outros aspectos.

Em segundo lugar, trabalha-se com um eixo organizador que, além de contemplar a variedade de gêneros, vincula-os com as diferentes práticas sócio-discursivas, estando em consonância com os pressupostos metodológico de Bakhtin a respeito do estudo da língua, que é das formas concretas de comunicação social para as formas da enunciação, posteriormente para as formas da língua. Também vai ao encontro do objetivo final do ensino da Língua Portuguesa no Ensino Fundamental: “adquirir progressivamente uma competência em relação à linguagem que possibilite a eles [alunos] resolver problemas da vida cotidiana, ter acesso aos bens culturais e alcançar a participação plena no mundo letrado.” (Parâmetros Curriculares Nacionais - Língua Portuguesa, 1996, p.22)

⁵ Na verdade, essa tipologia não está pensada em termos do texto na sua totalidade, mas a partir de fragmentos de modos de composição dos textos (gêneros).

3. Considerações finais

No desenvolvimento deste trabalho buscou-se apontar para o fato de que os gêneros discursivos têm características específicas das esferas sócio-discursivas em que se constituíram e circulam; aos diferentes intercâmbios comunicativos sociais correspondem diferentes tipos de interação verbal, observa Bakhtin. Portanto, justifica-se assim a proposição das diferentes esferas sócio-discursivas e seu gêneros como critério para a elaboração de currículo e progressão curricular de Língua Portuguesa centrado no gênero discursivo como unidade de trabalho.

As observações expostas abrem outras questões que ajudarão a encaminhar a discussão levantada, entre elas:

- a) as pesquisas acerca da constituição e do funcionamento dos gêneros nas diferentes esferas sócio-discursivas são importantes para se dimensionar as especificidades dos gêneros;
- b) a correlação entre os gêneros primários e os gêneros secundários pode ser um lugar interessante para se pensar a questão do letramento;
- c) se entre a entrada e a saída do aluno há um saber a ser construído, uma outra questão que se pode levantar é pensar em domínio de esferas sócio-discursivas e gêneros de domínios necessários para o aluno no percurso e final do Ensino Fundamental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail M. "El problema de los géneros discursivos". In: _____. *Estética de la Creación Verbal*. México: Siglo XXI, 1985, p. 248-293.
- _____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1988.
- _____. *¿Qué es lenguaje?*. In: SILVESTRI, Adriana, BLANCK, Guillermo. *Bajtin y Vigotski: la organización semiótica de la conciencia*. Barcelona: Anthropos, 1993, p.217-243.
- _____. *La construcción de la enunciación*. In: SILVESTRI, Adriana, BLANCK, Guillermo. *Bajtin y Vigotski: la organización semiótica de la conciencia*. Barcelona: Anthropos, 1993, p.245-276.
- FURLANETTO, Maria Marta. *Gênero discursivo, tipo textual e expressividade*. 1995. (inédito)
- MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais - Língua Portuguesa*. Secretaria do Ensino Fundamental. Brasília, versão agosto de 1996.
- ROJO, Roxane Helena Rodrigues. *Intervenções no processo de alfabetização*. 1996. (inédito).
- SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação e do Desporto (SED). *Proposta Curricular — Língua Portuguesa*. Florianópolis: IOESC, 1997. (versão preliminar)
- VYGOTSKY, Lev S.. *A formação social da mente*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

